horas partidas

Cinthia Kriemler
Edelson Nagues
Henriette Effenberger (org.)
Henrique Bon
José Ronaldo Siqueira
Tatiana Alves

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2017

EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
Cinthia Kriemler, Edelson Nagues
& Tatiana Alves

ILUSTRAÇÕES
Arthur F. Pádua

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

AUTORES
Cinthia Kriemler
Edelson Nagues
Henriette Effenberger
Henrique Bon
José Ronaldo Siqueira
Tatiana Alves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E27H EFFENBERGER, HENRIETTE -
HORAS PARTIDAS / VÁRIOS AUTORES -
ORG.:HENRIETTE EFFENBERGER. -
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2017.

144 P. : 22,5 CM.

ISBN 978-85-5833-184-5

1. CONTOS 2.COLETÂNEA TEMÁTICA I. TÍTULO

CDD.: B869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Renúncia

Cinthia Kriemler

Alguns instantes sob este umbral descascado. Preciso desta pausa. Ainda tenho tempo. São 12h50 e as portas só serão abertas em alguns minutos. Daqui já enxergo a presilha de madrepérola suspendendo um lado dos cabelos de Ana. Ela não sabe o quanto a admiro por se manter assim cuidada neste lugar de histórias ruins.

Ana ainda é bonita. Mesmo sem trato, tem uma elegância que se destaca no meio das outras internas. No início, essa atitude não foi bem recebida pelas agentes penitenciárias. O Hospital de Custódia mantém um rigor antigo no trato com as presas. Acostumadas às personalidades extremas das pacientes, eufóricas, agressivas, apáticas, histéricas, não entenderam logo de início o comportamento tranquilo de Ana. Passaram a persegui-la e a tratá-la mal. Inventavam que ela cometia pequenos furtos, que batia nas outras internas, que quebrava coisas, que tentava fugir. A cada delação, ela perdia algum privilégio: o pátio, a visita semanal, a biblioteca. Foi assim durante os dois primeiros anos de encarceramento, até que Ana entendeu que precisava mudar. Nesse ritmo, elas me fazem ficar louca de verdade, me confidenciou. Ouvir essas palavras me deu uma certeza.

A de que Ana não era a esquizofrênica que matou o marido a golpes de punhal; golpes desferidos com muito ódio. Um perigo para si mesma, para a filha e para a sociedade, como afirmou a acusação.

Ela mudou. Começou a imitar o comportamento das outras presas. Passou a agredir, a bater a cabeça contra a parede, a gritar muito. Então, de repente, fechava-se em dias mudos, os olhos cheios de nada. Ao poucos, as agentes pararam de implicar com ela. Os castigos foram reduzidos, até que finalmente se esqueceram dela. E ninguém mais a viu sorrindo ou erguendo os ombros com altivez.

Há sete anos, Ana foi julgada como doente mental. E foi recolhida a uma instituição do estado para aguardar um laudo de cessação de periculosidade. Sete anos neste inferno, nesta jaula de animais abandonados. Homens e mulheres separados em alas, afastados dos tratamentos e das terapias que poderiam ajudá-los a se recuperar para voltar ao convívio social. Não há psiquiatras ou psicólogos do Estado à disposição nas instituições prisionais. Essa mentira só acontece no papel. E, se existem, só aparecem eventualmente. Os internos das duas alas são vigiados e controlados apenas pelos agentes penitenciários. Envelhecem sem perspectiva, fechando-se cada vez mais num mundo confuso e sórdido.

Não, não há inocentes neste lugar. Só homens e mulheres condenados ao hospício estadual pela prática de crimes hediondos. Perversidades causadas pela loucura. Aliás, loucura, não. Doenças, não. Hospício, não. Em nome do correto, agentes, médicos, advogados e imprensa são obrigados a nomes mais discretos. Distúrbios mentais. Patologias. O antigo manicômio judiciário rebatizado como Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico. Amém. Da boca para fora tudo segue as regras. Mas dos portões para dentro não importam nomes bonitos. Loucos. Malucos. Doidos. Hospício. Manicômio. O descaso e a miséria humana seguindo seu curso tradicional, rotineiro.

Faz anos que eu insisto com Ana para que ela me diga a verdade sobre a morte do marido. Matei porque ele me agredia, ela repete. Mas alguma coisa está errada. Eu sei. Quando tento fazê-la se lembrar das cenas da noite do crime, ela finge se agitar e grita para que as agentes a levem embora da sala de visitas. Nem bem eu me levanto para sair, vejo um aviso nos seus olhos. Está vendo? Se você insistir, eu ponho você para fora.

Ana, a Ana que eu conheci menina, sempre foi uma mulher centrada. Somos amigas desde os tempos de orfanato. Ambas abandonadas por mães solteiras e pobres. Fomos adotadas já mais crescidas, na mesma época, e nos perdemos de vista por vinte e sete anos. Um dia, nos esbarramos num mercado. Ela me reconheceu primeiro, por causa da cicatriz na minha mão direita, lembrança de um tombo sobre uma ferramenta de jardim. No momento em que entreguei o cartão de crédito ao caixa, ela olhou para a minha mão e me perguntou se era eu.

Aos poucos nos reaproximamos. Mas ela falava pouco. Tão diferente da Ana dos dias de orfanato. As coisas entre ela e o marido não iam bem. Eu pegava frases soltas e sentia o tom da voz dela quando falava dele. Um dia ela me disse que os dois não se acertavam mais como nos primeiros anos de casados. Não havia mais sexo, nem conversas, nem vida em comum. Ana era uma mulher solitária. A filha, Marina, uma menina tímida e arredia de onze anos, não gostava de brincar com outras crianças e andava silenciosa pelos cantos da casa. As duas mal se falavam. Depois desse dia em que desabafou comigo, ela ficava constrangida a cada vez que nos encontrávamos. Muitas vezes me convenci de que eram os calos da profissão de psiquiatra que me faziam ver coisas. Mas logo em seguida a tensão ficava evidente.

Na noite em que o marido foi assassinado, Ana me telefonou pedindo que fosse até a sua casa. A voz, anormalmente histérica, me

assustou. Quando ela abriu a porta, braços, mãos e blusa estavam encharcados de sangue. Respiração ofegante, olhos vidrados, ela esfregava uma mão na outra como se estivesse tentando se limpar. Antes que eu falasse qualquer coisa, ela me disse que tinha acabado de matar o marido. Que precisava chamar a polícia para se entregar. No quarto do casal, o corpo estava em cima da cama. No chão, rosto coberto com as mãos, Marina soluçava. Tentei abraçá-la, num gesto instintivo, mas ela me empurrou e se encolheu ainda mais.

Durante o julgamento, o advogado de defesa me disse que alegaria insanidade e pediu a minha ajuda para provar que Ana tinha agido em surto psicótico provocado pela violência do marido. Não foi difícil me convencer a depor. Apesar do parecer inconclusivo de uma junta médica, a Justiça determinou que a sentença fosse cumprida numa instituição prisional psiquiátrica. Ana não reagiu a nada.

Marina não precisou ser encaminhada ao Conselho Tutelar. Durante o julgamento, eu pedi a Ana que me deixasse ficar com a guarda da menina. Ela concordou. Mas me fez prometer que a filha nunca a visitaria, e que eu impediria a polícia e a imprensa de incomodar a menina.

Sete anos depois e eu estou aqui, em mais um dia de visita. Mas hoje tenho um assunto diferente para tratar com Ana. Há poucas horas, Marina me contou uma história. Uma história que eu pressenti o tempo todo. Esta manhã, a menina tímida que ainda recusa abraços me falou do pai. Não. Do pai, não. Falou do pedófilo que a obrigava às piores obscenidades desde que ela tinha apenas cinco anos. Na cama dela, na cama da mãe, a qualquer hora em que estivessem sozinhos. Falou do silêncio obrigado por meio de manipulações e ameaças, dos abraços apertados para subjugá-la a cada vez que ela ameaçava falar, das dores pelo corpo que ela ainda sente com a memória. E falou do dia em que se cansou de obedecer.

Da *tantô* afiada, recebida de presente dos sócios japoneses, que ela escondeu sob o travesseiro da mãe. De quantas vezes a enfiou bem fundo na barriga do homem que resfolegava em cima dela. Tantas vezes que ela nem lembra. Lembra de ter sentido alegria. A cada grito, a cada gemido daquele homem que deveria ser seu pai. Apenas seu pai. Lembra-se da mãe chegando da rua, vendo finalmente o que deveria ter enxergado havia muitos anos. Lembra-se dos olhares que trocaram enquanto o homem ainda agonizava sobre os lençóis brancos da cama de casal. E da água do chuveiro escorrendo no seu corpo de criança, levando embora sêmen e sangue, limpando uma sujeira que nunca deveria ter grudado nela.

Quando saiu do banheiro, encontrou a mãe abraçando com força o corpo já sem vida. Recuou com nojo. Em seguida, Ana correu para o banheiro, lavou o cabo do punhal e retornou ao quarto, onde enfiou a arma novamente nos ferimentos do morto, várias vezes. Então, tudo fez sentido. O abraço, o sangue encharcando a blusa e os braços da mãe, o banho que a mãe a fez tomar, o chuveiro que a mãe limpou e limpou, as digitais da mãe no punhal, as instruções da mãe para que ela respondesse sempre Eu não sei, não me lembro a todos que lhe perguntassem sobre o que tinha acontecido. A mãe. Pensando em tudo. E logo depois a minha chegada, a chegada da polícia, a prisão.

Em algumas horas, Marina fará dezoito anos. E como ela mesma me disse mais cedo: Assim que o relógio marcar 00h01 ninguém mais vai poder me impedir de ir à polícia. É verdade. Nem Ana, nem eu, nem a lei que antes a protegia, como menor, de interrogatórios que não fossem consentidos pela mãe ou por mim, sua tutora. Ninguém pode impedi-la. É o que ela joga na minha cara sem aceitar contra-argumentos.

Assim que o relógio marcar um novo dia, tudo o que Ana fez terá sido inútil. E ela não vai mais poder proteger a vida que

gerou. Como não pôde protegê-la antes. Terão sido em vão os sete anos que passou aqui dentro, abrindo mão da liberdade que sempre lhe pertenceu, alimentando-se dos sentimentos de horror causados pelas histórias que presenciou e presencia neste lugar de abandonos. Histórias de loucura, de perversidade, de dor. E talvez até algumas como a dela, de renúncia.

Quero ficar um pouco mais sob este umbral descascado. Olhando para Ana e para o seu cabelo bonito. Permitindo que ela seja ignorância por mais alguns minutos. Deixando de lhe contar que à meia-noite a vida dela vai perder todo o sentido.

Jasão não volta mais

José Ronaldo Siqueira

Medeia

A senhora foi diagnosticada com Neuroma de Morton, por isso o pé da senhora dói. É, é como se uma parte do tecido nervoso estivesse avariado, se encontra entre o d2 e o d3, é, "d" de dedo. Olha, senhora, cirurgia existe, sim, mas aceite o meu conselho, tente a fisioterapia primeiro. É. Por se tratar de nervo, a chance de a senhora ter uma sequela no pé é de quase cem por cento. Pode ser de uma simples dormência no calcanhar por tempo indeterminado, até um total colapso no pé e sua completa inutilização. Em decorrência dessa última hipótese, médico nenhum arrisca o procedimento cirúrgico, pelo receio de ser processado. Dessa forma, só nos resta a *físio*. Vou fazer o seu encaminhamento, aqui a guia do seu plano de saúde, aqui na clínica mesmo temos os profissionais para isso.

"O pé dói. E se não sarar? E se ficar torto para sempre? Mas só ficará assim — e é uma hipótese — se eu fizer a cirurgia e der errado. E se... doer para o resto de minha vida? Essa bendita sensação de que tenho uma pedra guardada dentro do pé, a moer-me a

www.editorapenalux.com.br

editorapenalux@gmail.com

penaluxeditora